



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

KLEDISON DE LIMA PIRES

**MEMÓRIAS E OUTRAS HISTÓRIAS: AS MIGRAÇÕES PARA A CIDADE
DE PICOS NA DÉCADA DE 1970**

PICOS- PI

2014

KLEDISON DE LIMA PIRES

**MEMÓRIAS E OUTRAS HISTÓRIAS: AS MIGRAÇÕES PARA A CIDADE
DE PICOS NA DÉCADA DE 1970**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí. Como requisito parcial para obtenção do diploma de **Graduação em História**.

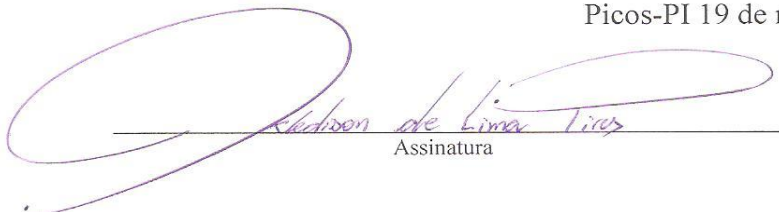
Orientador: Prof. MSc. **Gleison Monteiro**.

PICOS- PI

2014

Eu, **Klédison de Lima Pires**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 19 de março de 2014.



Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

P667m Pires, Klédison de Lima.
Memórias e outras histórias: as migrações para a cidade de Picos na década de 1970 / Klédison de Lima Pires. – 2013.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (50 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Prof. MSc. Francisco Gleison da C. Monteiro

1. Memória. 2. Migração. 3. Família. I. Título.

CDD 981.812 22

KLÉDISON DE LIMA PIRES

**MEMÓRIAS E OUTRAS HISTÓRIAS: AS MIGRAÇÕES PARA A CIDADE
DE PICOS NA DECADE DE 1970**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório à obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

Monografia aprovada em 17 / 05 / 2014

BANCA EXAMINADORA

Francisco Gleison da Costa Monteiro

Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Orientador – UFPI

Agostinho Junior Holanda Coe

Prof. Dr. Agostinho Junior Holanda Coe - Examinador
Universidade Federal do Piauí

Paloma Moura de Araújo

Profa. Esp. Paloma Moura de Araújo - Examinadora
Colégio São Lucas

PICOS - PI
2014

Dedico esse trabalho ao nosso Deus, ao meu pai Sebastião Mario Pires minha mãe Maria Dilia de Lima Pires, minha amada esposa Ellaine Santana de Oliveira, aos meus professores e aos grandes amigos do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí Campos de Picos.

AGRADECIMENTOS:

A conclusão deste trabalho torna-se realidade hoje, graças ao apoio de pessoas muito importante em minha vida e que acreditaram em meu potencial. Se esquecer de alguém me desculpem, é que são tantos que acho que em algumas laudas não daria para colocar todo mundo.

Primeiramente quero agradeço a Deus, por toda a coragem, paciência e persistência, pois, apesar de todas as dificuldades enfrentadas durante a graduação, sempre me mostrou um caminho a percorrer e não me deixou desistir.

Em relação aos meus familiares, expresso gratidão aos meus pais, “dona Dilia e seu Mario”, que mesmo sem ter condições financeiras, sempre fizeram o possível e impossível para que eu e meus irmãos tivéssemos uma boa educação. A minha querida e amada esposa Ellaine, pelo apoio, paciência, dedicação e compreensão principalmente nos momentos de dificuldade no árduo caminho percorrido na graduação.

Ao meu prezado orientador, Francisco Gleison. Por suas muitas lições, as orientações, as correções e as dicas de pesquisa que resultaram na elaboração desse trabalho e pode ter certeza que sua sabedoria me fez acender no campo historiográfico. Ao senhor o meu muito obrigado!

Estendo também os meus agradecimentos a todo o corpo docente do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Piauí, obrigado por todo o conhecimento transmitido durante a graduação e que me fez abrir os olhos para diversos discursos pertinentes nos dias de hoje. Saibam queridos professores que eu, na condição de aluno e cidadão, tenho muito a agradecer pelo meu desenvolvimento intelectual e devo tudo isso a vocês.

E para fechar com chave de ouro quero agradecer aos colegas de turma, que tornaram os dias de graduação inesquecíveis. Obrigado amigos e futuros profissionais de história a graduação não seria a mesma sem vocês.

“O Brasil é um país de migrantes. É bastante comum encontrar nas nossas comunidades eclesiais, no trabalho, entre os colegas de aula ou na parada de ônibus pessoas provenientes de outras cidades, outros estados e até mesmo de diferentes países. Às vezes, quem migrou foram os pais, os avós ou os bisavós. No fundo, se remontamos às origens históricas, somos todos migrantes ou descendentes de migrantes”.

Roberto Marinucci

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar como ocorreu a vinda de trabalhadores e suas famílias para a cidade de Picos na década de 1970 por ocasião da transferência do 3º BEC. Serão também abordados, as migrações, conceitos e as características dos novos movimentos migratórios assim como o contexto histórico das migrações no Brasil, além de informações sobre a cidade de Picos e a transferência do 3º BEC, apresentadas com auxílio de tabelas e imagens. Foram utilizados como aporte teórico a História Oral e a memória, buscando relatos das pessoas que vivenciaram o período. A concretização desse trabalho foi possível mediante pesquisas realizadas na Agência do IBGE de Picos e no arquivo do 3ºBEC, bem como, por meio da análise dos documentos e entrevistas.

PALAVRA-CHAVE: Memória, Migração, família.

ABSTRACT:

This work has as main objective to present the coming of workers and their families to the city of Picos in the 1970s during the transfer of the 3rd BEC occurred. Will also be discussed, migration concepts and features of the new migratory movements as well as the historical context of migration in Brazil, plus information on the city of Picos and the transfer of the 3rd BEC, presented with the aid of tables and images. Were used as the theoretical oral history and memory, seeking accounts of people who experienced the period. The completion of this work was made possible by research carried out at the IBGE Peaks Agency and the 3rd BEC file as well as through the analysis of documents and interviews.

KEY-WORD: Memory, Migration, family

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Homens trabalhando, início das obras da BR 230, Oeiras/Gaturiano.....	20
Figura 2: Equipe de terraplanagem/ Obra da BR 230.....	21
Figura 3: A cidade de Picos nos anos de 1930.....	33
Figura 4: Feira Livre no município de Picos na década de 1950.....	35
Figura 5: Família de migrantes na década de 1970.....	41
Figura 6: Militar do 3º BEC, ano 1972.....	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estados de origem e respectivo número de migrantes transferidos para Picos entre 1970 e 1980.....	26
Tabela 2: Estados de origem e respectivo número de migrantes transferidos para Picos entre 1960 e 1970.....	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL.....	15
1.1 Novas abordagens sobre o conceito de migração.....	17
1.2 Fatores de repulsão e os motivos que trouxeram migrantes para a cidade de Picos na década de 1970.....	19
1.3 Fluxos migratórios inter-regionais.....	24
CAPÍTULO 2 - ORIGEM E CARACTERÍSTICAS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	30
2.1 Gente de longe: história e memória.....	30
2.2 A história de Picos narrada por migrantes da década de 1970: análise das entrevistas dos que vieram para Picos com o 3º BEC.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

A cidade de Picos (PI), na segunda metade do século XX, não passava de uma cidade interiorana do Piauí, onde o urbano e o rural dividiam o mesmo espaço. O lento desenvolvimento da economia, não era uma situação *sui generis*, se comparada a outras cidades do Piauí no mesmo período. Antes, refletia uma condição estrutural em que o Nordeste também se encontrava de forma geral, pois, embora alguns municípios nordestinos tivessem uma atividade de exportação em pleno funcionamento, estes ainda dependiam dos produtos de importação de outros Estados (ALVES, 2012).

O crescimento demográfico de Picos, desde a década de 1970, tornou-se significativamente visível, quando a expansão imobiliária ganhou os morros e as encostas, bem como as margens do rio Guaribas. Na década de 1980, o crescimento passa a ser vertical, começam a surgir no panorama da cidade os prédios com até três andares. Esse crescimento se expandiu, na década de 1990. Outro fato importante para o desenvolvimento da cidade de Picos foi a instalação do 3º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), que durante mais de 40 anos, vem realizando várias obras, principalmente de infraestrutura e desenvolvimento sustentável como: o BR 407, que liga o município de Picos/PI a Petrolina/PE, o Aeroporto da cidade, concluído em 1981, entre outras.

Diante da importância que o Terceiro Batalhão de Engenharia e Construção teve e tem para a população picoense, por já ter prestado serviço militar nesta corporação, e por ser neto de migrantes que fixaram residência neste município motivados pela oportunidade de emprego no serviço militar, eu como graduando do curso de História da Universidade Federal do Piauí fui motivado a pesquisar sobre as características que marcaram o processo de migração de famílias para o município de Picos-PI na década de 1970, a fim de contribuir para a geração de conhecimento acerca de um importante período da história picoense.

Para que se faça uma análise do processo migratório para cidade de Picos na década de 1970, foi necessário um mergulho na história da cidade por meio de pesquisas empíricas no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Terceiro Batalhão de Engenharia e Construção (3º BEC), bem como por meio de relatos orais de sujeitos que vivenciaram o período decorrente do objeto de estudo.

O recorte temporal da década de 1970 do século XX se dá em decorrência do estabelecido no decreto 67.423, de 20 de outubro de 1970, que transfere a sede do 3º BEC de Campina Grande-PB para o município de Picos-PI. E com a transferência muitos migrantes se deslocaram de regiões diversas para se fixarem nessa cidade. Alguns vieram sozinhos, outros com as famílias. No entanto, o que há de comum entre esses migrantes são os trabalhos que desenvolveram e as lembranças da luta pela urdidura do cotidiano da labuta.

Para abordar essa temática de estudo foi fundamental a utilização da Metodologia da História Oral. Essa decisão é por entender que essa metodologia nos aproxima mais de histórias que não estão no centro da academia, mas que podem trazer sujeitos simples para o cerne dos debates acadêmicos. Assim são esses migrantes que procuro focar e trazê-los para interpretação que, por sua vez, não são simples sujeitos, mas trabalhadores que migraram em busca da luta pela sobrevivência e que diante suas falas podemos perceber a verbalização e as diferentes formas de contar estórias e trazer sempre à tona a relação do passado com o presente, produzindo uma identidade própria. Aqui me lembro de Alessandro Portelli (2004) quando procura dar ênfase as funções do tempo nas narrativas dos sujeitos entrevistados, cujos sentidos devem ser observados de forma complexa e densa.

Ainda nessa perspectiva me ajudaram no arcabouço teórico os historiadores Jacques Le Golf. (2003) ao ressaltar que a memória é um instrumento fundamental da história; Verena Alberti (2011), ao afirmar ainda que a metodologia da história oral possibilita a construção de fontes para serem usados em pesquisas históricas e de trazer á tona sujeitos antes nunca estudados pela historiografia. Dentre outros, mas destaco a aqui a importância que teve os direcionamentos da historiadora Yara Khoury,

Considerando a história como um processo de disputas entre forças sociais, envolvendo valores e sentimentos, tanto quanto interesses, e dispostos a pensar e avaliar a vida cotidiana em sua dimensão histórica, a ponderar sobre os significados políticos das desigualdades sociais, nossas atenções se voltam para modos como os processos sociais criam significações e como essas interferem na própria história. Nesse sentido é que entendemos e lidamos com cultura como todo um modo de vida. (KHOURY, 2004, p. 117)

Por esse viés é que buscamos interpretar as experiências de vidas desses migrantes, procurando entender a partir de seus contextos e dar visibilidade a essas “disputas entre forças sociais”, sempre buscando problematizar seus cotidianos e as estratégias de enfrentamentos

para o trabalho, mas também para se fazerem notadores enquanto sujeitos da história e de suas experiências de vida.

Foram realizadas cinco entrevistas com pessoas que viveram ou ouviram de seus pais histórias desta época, os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, a fim de que os dados obtidos fossem os mais fidedignos e diversificados possíveis. A pesquisadora Elisabeth Fortunato (2004), ressalta que para realizar entrevistas com sucesso, é necessária a escolha de um grupo de pessoas que possam trazer informações que representem o sentimento de uma comunidade. Estes entrevistados foram os seguintes: Sebastião Mario Pires, filho de funcionário de 3º BEC e natural de Caiçara No Rio Grande do Norte; Margarida Maria de Lima filha de funcionário do 3º BEC e natural de Nova Russa Ceará; Francisco Antônio Ferreira de Lima, filho de funcionário do 3º BEC e natural de Sobral Ceará; Manoel Soares Brito, funcionário aposentado do DNER natural de Itapipoca Ceará; Maria do Rosário de Sousa Matias viúva de funcionário do 3º BEC e natural de Natal Rio Grande do Norte. Estes entrevistados são moradores do município de Picos desde a década de 1970, os mesmos fizeram parte da constituição dos fatos abordados na pesquisa.

O presente trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro foi abordado o processo de migração e seus aspectos. No segundo foi retratada a história de surgimento do primeiro núcleo que deu origem ao município, suas características e transformações no início da década de 1970, a partir da visão dos migrantes que aqui chegavam, enfatizando ainda nesta visão, as mudanças ocorridas no desenvolvimento do município após a chegada do 3º BEC para o município de Picos. Todos tiveram como instrumento utilizado para a realização das discussões a metodologia da história oral e o uso de fotografias.

CAPÍTULO I

MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL

Este capítulo tem como objetivo apresentar alguns conceitos referentes às migrações, especialmente as ocorridas no Brasil, levando em consideração os motivos que levam o indivíduo a optar pelo deslocamento entre cidades do mesmo estado e também para outros estados da federação.

Segundo Lee (1980), migração seria a:

[...] mudança permanente ou semi-permanente de residência. Não se põem limitações com respeito à distância do deslocamento, ou à natureza voluntária ou involuntária do ato, como também não se estabelece distinção entre a migração externa e a migração interna (LEE, 1980, p. 99).

Mais importante do que compreender o conceito é entender a forma pela qual se dá o processo migratório. O entendimento da distribuição e da movimentação da população entre regiões é intrigante ao passo que é fundamental para analisar e compreender o crescimento de determinadas regiões, a diminuição de outras, bem como, possibilitar a criação de políticas que possibilitem um melhor aproveitamento do espaço e infraestrutura disponíveis, assim como a homogeneização econômica e social entre as regiões.

Uma definição específica do que se entende por migração pode significar uma análise seletiva de alguns processos, enquanto outros são colocados de lado. Todavia, na necessidade de uma base conceitual, a pesquisa se apoia na definição proposta por Salim (1992, p. 121), em que considera a migração:

[...] fenômeno complexo essencialmente social com determinações diversas, apresenta interações particulares com as heterogeneidades de uma formação histórico-social concreta que tende a assumir feições próprias, diferenciadas e com implicações distintas, para os indivíduos ou grupos sociais que a compõem e a caracterizam (SALIM, 1992, P. 121).

Em alguns estudos clássicos sobre a história econômica brasileira, como Furtado (1959), são citados fenômenos migratórios internos extremamente importantes desde o período colonial, dentre eles estão:

- ✓ A ida dos trabalhadores na direção das Minas Gerais em virtude do descobrimento do ouro de aluvião em tal região no período colonial;

- ✓ O fluxo de escravos do norte do país para a região Sudeste com a grande expansão cafeeira no Segundo Reinado do Império e a transumância amazônica;
- ✓ Saída de nordestinos de sua região em direção à Amazônia para trabalhar no processo extrativo da borracha no início do século XX.

De acordo com Pereira (2000), nas décadas de 1930-50 a principal parte das migrações internas era pelo fluxo em direção ao estado de São Paulo tendo como principal causa o processo de industrialização do país que se centrava nessa localidade.

Ainda segundo Pereira (2000), nos anos 1960 houve um “pequeno declínio” das migrações para São Paulo e um aumento em direção ao Centro-Oeste do país, como consequência da construção de Brasília, que atraiu grande número de trabalhadores e da expansão da fronteira agrícola no Mato Grosso. Contudo, na década de 1970, as áreas metropolitanas voltaram a ser o destaque das imigrações. Esse foi o período auge do êxodo rural no Brasil que ocorria desde a década de 1930. Nos anos 1980, algumas cidades médias do Sudeste passaram a ter relevância como destino de fluxos migratórios, essencialmente devido à hipertrofia das metrópoles e às suas melhores condições de vida. Já na década de 1990, os movimentos foram ligeiramente menos intensos que nas anteriores, porém ainda bastante significativos.

Assim, a história do Brasil está fortemente marcada pelo fenômeno da migração, desde o início pelo fator colonização e mais recentemente pelo deslocamento interno, a partir do qual cada ciclo econômico trouxe consigo um fluxo migratório. É a partir de 1930 que as migrações internas começaram a desempenhar um papel de destaque na distribuição espacial da população.

No decorrer da História, os homens sempre se deslocaram fisicamente. Impelidos por razões diversas – causas atrativas e/ou repulsivas – sempre estiveram em constante movimentação. Fugindo das guerras, conflitos civis ou escassez de recursos naturais e atraídos pelas melhores condições de vida, o ser humano sempre se deslocou. Entretanto, a partir de épocas mais recentes, a Mobilidade Física da população se efetiva principalmente por meio da relação capital e trabalho e este processo também tem representado para o trabalhador uma condição vital. O indivíduo trabalhador, submisso ao capital e desprovido de outros bens, encontra, como única forma de sobrevivência, a venda do único bem de que dispõe: a sua força de trabalho. (GHIZZO & ROCHA, 2008, p.102).

Ainda na tentativa de conceituar a migração nesse tronco teórico, pode-se usar o conceito de Balan (1973 apud SALIM, 1992, p. 132) em que afirma:

[...] a migração é um determinante social cujos determinantes e consequências remetem a outros fenômenos sociais historicamente determinados e que se relacionam a processo de mudança estrutural em uma formação social particular. (BALAN 1973 apud SALIM, 1992, p. 132).

Em todos os processos clássicos conhecidos na História da migração, destacam-se fenômenos que motivaram e determinaram uma mudança territorial, que resultaram em alterações de relações sociais e produtivas já estabelecidas, bem como a construção de novas, estas por sua vez justificaram a permanência destes migrantes em novos ambientes de reprodução social.

A mobilidade populacional é tema que interessa diretamente ao estudo dos assuntos pertinentes ao homem, pelos efeitos que exerce sobre a distribuição da população, bem como com outros aspectos das mudanças e das diferenciações sociais e econômicas.

Segundo Carvalho; Rigotti (1998, p. 211), deve-se ficar atento às sutilezas do conceito de migrante, definindo-o com a máxima precisão possível, bem como aos procedimentos de análise, pois a definição de migrante varia bastante segundo a pesquisa e as características das técnicas utilizadas, além dos dados existentes e disponíveis.

A Organização das Nações Unidas – ONU (1980, p. 322), conceitua o migrante como aquele que mudou de residência habitual, de uma área definidora da migração, para outra (ou que se deslocou a uma distância mínima especificada), pelo menos uma vez durante o intervalo de migração considerado. Todos aqueles que se mudaram durante o intervalo do Censo e que faleceram antes deste chegar ao final, são computadas como migrantes e seus deslocamentos como sendo migratórios. Para o IBGE migrante é aquele sujeito que tem residência fixa no lugar no período de até 10 anos.¹

Ravenstein (1980, p. 43), em *As Leis da Migração*, classifica os migrantes dependendo da distância percorrida antes de seu local de residência, pois uns procedem de locais não mais longínquos do que o município vizinho; outros são naturais de um Estado vizinho e há,

¹ O IBGE, nos Censos de 1940, 1950, 1960 usou para conceituar como migrante aquele que não reside na unidade federativa que nasceu. Nos Censo a partir de 1970, migrante é aquele que reside num tempo inferior a 10 anos num município e que não tenha nascido neste.

finalmente, os que procedem de partes bem remotas do País. E se questionar sobre os motivos que os levaram a migrar, encontra-se também uma gama muito variada. Na maior parte dos casos, porém, a resposta estará associada à busca de trabalhos mais remuneradores e atraentes do que os disponíveis nos locais de nascimento.

Os estudos acerca do fenômeno migratório até a década de 1970 eram baseados em uma perspectiva neoclássica, que privilegiava descrições e mensuração estatística de fluxos demográficos e das aglomerações. Nesta perspectiva, “[...] A decisão de migrar era percebida como decorrente apenas da “decisão pessoal” e não pressionada ou produzida por forças sócio-econômicas exógenas.” (BECKER, 2006).

1.1 Novas abordagens sobre o conceito de migração

A partir da década de 1970, as análises sobre a mobilidade populacional passaram a se basear no enfoque neomarxista, sendo considerada como “mobilidade forçada pelas necessidades do capital”, passando a migração a ser compreendida como uma crescente sujeição do trabalho aos investimentos financeiros, contrapondo-se à concepção anterior, que associava a migração a fatores de ordem pessoal (BECKER, 2006).

A migração interna é um fenômeno bastante significativo no Brasil, tal processo é de fundamental importância para a compreensão dos acontecimentos econômicos de um país, principalmente na análise dos impactos regionais desses fatos, tendo em vista estar relacionado a condições econômicas e sociais de cada região. Na ocorrência de diferenças, de ordem econômica ou social, entre as regiões da nação em questão a migração interna torna-se um fenômeno mais intenso que a internacional, já que dentro de um país existe maior mobilidade de pessoas do que entre as nações (em virtude de menos impedimentos legais, culturais e institucionais) (SABBADINI, R.; AZZONI, C.R., 2006).

Na discussão sobre os fatores que atuaram na quebra do padrão concentrador em alguns países, vários autores chamam a atenção para a análise do perfil de desenvolvimento rural e urbano; para as formas institucionais e sociais de difusão de informações e inovações; para a inserção tardia ou avançada na transição demográfica; e para os graus de desigualdade social e econômica. Nesse sentido, deve-se ter em conta as mudanças recentes em termos de fluxos migratórios. Movimentos de tipo campo-cidade perdem a primazia a favor de um

padrão mais disperso de tipo urbano-urbano, apoiado na presença de redes urbanas densas e em expansão. Boa parte destas mudanças responde à difusão de externalidades positivas na periferia, e novos fluxos migratórios podem se reorientar espacialmente, reagindo a fatores de atração presentes em cidades secundárias. É evidente que as cidades médias são pontos estratégicos da expansão do sistema urbano brasileiro e do incremento e diversificação das atividades econômicas nos últimos decênios.

Estudos apontam que quase um terço da população brasileira vive em município diferente do de nascimento (PEREIRA, 2000) e quase 20% em um estado diferente do natal (SANTOS JÚNIOR, 2002). Além disso, as motivações econômicas são apontadas como determinantes da migração interna no Brasil (GOLGHER, 2005).

Dois autores são relevantes ao tentar explicar os novos processos migratórios, Lee (1980) propõe um esquema analítico que ele denominou de “fatores do ato migratório”, onde aparecem os fatores associados aos locais de origem e de destino, os obstáculos intervenientes e, por último, fatores pessoais. Para Singer (1980), existiriam fatores de expulsão (subdivididos em fatores de mudança e de estagnação) e de atração.

Os fatores relacionados ao local de origem seriam aqueles associados à decisão de emigrar, os quais podem ser positivos, negativos ou nulos. Esses pesos também seriam atribuídos ao local de destino. O saldo desses fatores, mediados pelos obstáculos intervenientes entre a origem e o destino, bem como pelos fatores pessoais, determinariam a decisão de migrar e o sentido do fluxo. É importante ressaltar que na raiz da questão central, norteadora da proposição de Lee, encontra-se o binômio modernização-desenvolvimento econômico. Para o autor, esta seria uma construção de fácil compreensão e aceitação.

Segundo Singer (1980), o problema central na opção pela mobilidade estaria relacionado com as desigualdades regionais, que seriam o motor das migrações internas. No lugar de origem, surgiriam os fatores de expulsão e no lugar de destino estariam os fatores de atração, que orientariam os fluxos e os locais para onde se destinariam. O principal fator de atração seria a demanda por força de trabalho, também entendida como “oportunidades econômicas”. Por outro lado, os movimentos engendrados pelos fatores de estagnação levariam a uma maior dificuldade de inserção dos migrantes no local de destino, gerando, em alguns casos, uma re-emigração.

1.2 Fatores de repulsão e os motivos que trouxeram migrantes para a cidade de Picos na década de 1970

As explicações de tais autores corroboram com os fatos relatados por todos os entrevistados como motivadores para que deixassem seus municípios e estados de origem para buscar melhores condições de vida e trabalho na Cidade de Picos, como podemos observar no depoimento a seguir, do entrevistado Sebastião Mario Pires. Segundo ele, a vida na cidade natal era muito difícil, e é possível perceber em sua narrativa que a vida de migrante em busca de melhores condições de vida começou ainda em seu Estado de origem, onde os deslocamentos para cidades vizinhas eram constantes, sempre à procura de maneiras para proporcionar o próprio sustento e da família.

O Sr. Sebastião Pires de 56 anos é natural da cidade de Caiçara no Rio Grande no Norte e é filho de funcionário do 3º BEC, chegou a Picos no ano de 1971 com seus pais e irmãos e segundo ele:

“(...) pai quando a gente morava em Caiçara ele trabalhava de roça, serviço de pedreiro e fazia uns bico de marceneiro, foi ai que ele começou a fazer a vida dele em João Câmara ele faziam mais trabalho de marceneiro, consertando e fabricando alguns móveis, mas também tudo era com dificuldade. Naquele tempo ninguém tinha dinheiro não e era muito pouco para viver. Ai... quando nós mudamo pra Caiçara pai vendeu as terras que ele tinha em João Câmara e mudamos pra Caiçara, e em Caiçara nós tudim trabalhava de roça, ai foi no tempo que mamãe morreu... ai foi no tempo que ele arrumou emprego no batalhão lá... Tí Chico arrumou emprego pra ele no Batalhão em Riachuelo, que era uma companhia, a 2ª companhia, justamente essa que veio pra cá que se instalou-se bem aqui. O meu pai já era empregado do quartel em Lajes, ele já veio empregado de lá aqui para Picos”.²

Grande parte desses migrantes tem casos semelhantes aos do Sr. Sebastião Pires, vieram da roça, tinham a habilidade de labutar com a terra, prepará-la para plantar arroz, milho, feijão, etc. que eram, na verdade, produtos para sua sobrevivência e o excedente era mínimo. Ao mudarem para Picos vislumbravam a possibilidade de melhores condições de vida proporcionada pela expectativa da possibilidade de trabalho nas frentes de serviço do

² PIRES, Sebastião Mario. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 14 jan.2014.

Exército que cobriam as imediações da cidade, num contexto de desenvolvimento impulsionado pelos projetos de construções de estradas no “Brasil do Milagre Econômico” deixando para traz uma vida de sofrimento e dificuldade.

Essas frentes de serviços comandadas pelo Exército tinham como chefes de equipe um militar engenheiro que acompanhava e coordenava todas as etapas do trabalho. A grande maioria desses trabalhadores era contratada para a execução de trabalhos mais pesados, que não exigiam muito conhecimento técnico para execução. Trabalhos como os de auxiliar de pedreiro, estivadores, marroeiros³ nas usinas de britagem eram comuns entre essas pessoas, na figura 1 esse fato fica evidente ao verificarmos o perfil dos sujeitos. Outros trabalhadores, que já tinham uma profissão executavam serviços como motoristas ou operadores de máquinas de construção, como é possível observar na figura 2, onde é possível observar dois operários conduzindo tratores nos trabalho de terraplanagem.

Figura 01: Homens trabalhando, início das obras da BR-230 Oeiras/Gaturiano.



Fonte: Acervo do 3º BEC

³ Trabalho que se resumia na atividade de quebrar pedras utilizando marreta de 5 e 10 Kg.

A imagem acima mostra trabalhadores nas obras de construção da BR-230, trecho que liga a cidade de Oeiras e Gaturiano, possivelmente esses operários estariam no intervalo das atividades, um pouco mais a esquerda estão dois militares que, como mencionado anteriormente, eram quem comandavam as equipes. Se analisarmos essa imagem de outra perspectiva retirando alguns elementos como o carro ao fundo e os dois militares, é possível verificar a inserção da mesma num outro contexto, ou seja, a de trabalhadores rurais a caminho dos campos de plantio, dado as características físicas e vestimentas que os mesmos utilizam, tais como: o uso de chapéu de palha, calça dobrada até altura do joelho, pele bronzeada por muito tempo de exposição ao Sol e o uso de sandálias. Esses fatores reforçam ainda mais o perfil de “homens da roça” que caracterizavam boa parte desses migrantes.

Figura02: Equipe de terraplanagem obras da BR-230



Fonte: Acervo do 3º BEC

Operadores de máquina na equipe de terraplanagem, e ao lado dois militares comandando e fiscalizando a execução do serviço.

Associada a possibilidade de trabalho entre esses imigrantes, existia o medo de perder o emprego nas frentes de serviço. Segundo o Sr. Sebastião Pires, todo ano existia cortes na lista de trabalhadores contratados para as frentes de serviço como é possível observar em sua fala:

(...). Ai desdesse tempo ele sempre trabalhou lá... mas sempre ameaçado, tinha aqueles que já era efetivo, mais pai era contratado, trabalhava um ano e no outro era ameaçado de perder o emprego. Ai eles dizia no quartel que ia botar um bocado de gente pra fora ai ele já ficava com medo de sair também. Era todo ano essa história, mas pai, graças a Deus, ficou até ser efetivado em 84, mas todo ano tinha esses corte, e ele tinha medo de sair por que naquele tempo emprego era difícil ai complica você tá em outra cidade e desempregado... ai tinha mesmo que mostrar serviço pra ficar empregado.⁴

A possibilidade se ser contratado pelas frentes de serviços do 3º BEC quase sempre tinha êxito, o que atraíam diversas pessoas para a cidade como também é o caso do Sr. Manoel Soares de Brito de 74 anos natural de Itapipoca no Ceará que fugido da seca em 1965, buscou serviço em obras de construção de estradas até chegar a Picos antes mesmo do quartel ter sido transferido, o mesmo, veio com as frentes de serviço do extinto DNER⁵ e em seguida, passou a fazer parte do efetivo de civis do terceiro BEC, segundo seu relato:

“(...) Eu vim fugido da seca, foi a seca que fez eu vim para Picos. As terras que eu tinha para plantar lá era muito pouca ai para agravar a situação a região passava por uma seca muito grande ai a terra num dava nada ai agente tinha que comprar o que comer mas era uma carestia horrível, tudo muito difícil. Ai foi então que eu pensei... – rapaz desse jeito num da não (...)”⁶

Ele ainda relata as dificuldades de conseguir trabalho no DNER devido ser franzino e os empregadores das obras darem preferência a trabalhadores de porte físico mais avantajado em decorrência das dificuldades do trabalho, que só foi possível devido ter um certo conhecimento com políticos da região:

⁴ PIRES, Sebastião Mario. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 14 jan.2014.

⁵ Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER).

⁶ BRITO, Manoel Soares. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

(...) eu fui procurar emprego. Só que tive muita dificuldade por que quando eu era jovem era muito franzino e o pessoal só procurava gente grandão... fortão... por que eles dizia que aguentava o trampo. Antes quem arrumava emprego pra gente era os políticos, os políticos botavam um cabo eleitoral dele lá onde eles tava contratando ai quem tinha um certo conhecimento com politico não tinha muita dificuldade em arrumar emprego nas frentes de serviços e foi isso que eu fiz... eu tava precisando muito de trabalho e o jeito foi esse.⁷

O Sr. Soares permaneceu no DNER até o ano de 1972 quando atuou nas obras da BR-316, em uma frente de serviço comandada pelo Capitão Machado até o ano de 1978, período no qual o mesmo retorna para o antigo órgão onde fica até ser aposentado (BRITO, 2014). É possível perceber nos dois relatos supracitados que tanto a família do Sr. Sebastião como a do Sr. Manoel tinha um objetivo em comum ao deixar seu local de origem, ambos almejavam ter a possibilidade de garantir o sustento, tal motivação já apresentada nos estudos sobre mobilidade populacional é orientada de acordo com os fatores de atração-repulsão sentidos pelos migrantes. Sendo os fatores de repulsão as situações de vida responsáveis pela insatisfação com o local de origem e os fatores de atração correspondentes aos atributos locais desejados pelos migrantes. (BECKER, 2006).

No que se refere às classes que executam a mobilidade, aquela que o faz de modo mais significativo é a mais afetada pelas transformações históricas do sistema econômico, ou seja, a dos trabalhadores. Este fato confirma em não ser a atração, mas a repulsão, o principal fator que leva os trabalhadores a executarem a Mobilidade do Trabalho. O estar desprovido dos meios necessários para garantir a sobrevivência estimula o trabalhador a se sujeitar às imposições do capital. (GHIZZO & ROCHA, 2008, p.107).

Segundo Borjas (1996), a migração, na teoria econômica, é explicada dentro da teoria do capital humano e é entendida como um investimento desse tipo. Logo, como esses investimentos, as decisões de mudança espacial são feitas a partir da comparação do valor presente do salário em diferentes oportunidades de emprego em diferentes localidades.

Os principais fatores determinantes da migração que predominaram no Brasil e também percebidos segundo as narrativas, antes da década de 1980, foram identificados como sendo busca por trabalho e por níveis melhores de remuneração; melhoria nos níveis de

⁷ BRITO, Manoel Soares. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

educação e motivos familiares; insatisfação no local de residência e atração exercida pelo local de destino; outros motivos relacionados ao trabalho: deslocamento a fim de buscar ou aceitar emprego, devido à prevalência de falta de emprego no local de origem; maiores oportunidades de afirmação e condições mais favoráveis de trabalho; casamento (especialmente no caso das mulheres); desejo de reunir-se a parentes que já residem no local de destino e busca por serviços de bem estar social (hospitais, asilos e bancos) (BRIGG, P.H., 1980; RAVENSTEIN, E.G., 1980; SINGER, P., 1980).

A busca por trabalho e por níveis melhores de remuneração, insatisfação no local de residência e atração exercida pelo local de destino e deslocamento a fim de buscar ou aceitar emprego, foram os fatores mais evidentes dentre os entrevistados, porém, nem sempre essa decisão pela mobilidade era uma vontade de todos que deixavam seu local de origem, como verificado no depoimento de alguns entrevistados, pessoas que não queriam sair de sua cidade, e que demonstravam até certo repúdio à cidade de Picos e ao estado do Piauí, como é observado no relato de Margarida Maria de Lima: “A mãe, a minha mãe sempre dizia Picos, aquele lugar não presta... já tá dizendo, Piauí num presta. O que a mãe dizia era isso pra nós”⁸.

[...] A decisão de migrar, seja para um único indivíduo, seja para uma família ou um grupo todo, é uma decisão difícil. Que pesem neste momento os laços que os homens estabelecem em seus locais de origem, como o parentesco, a amizade, a terra natal, a casa e a vida em comunidade. (GHIZZO & ROCHA, 2008)

A partir das observações verificadas acima, as mobilidades populacionais acabam se constituindo nas causas ou nas consequências de intensas mudanças nas sociedades nas quais se realizam.

1.3. Fluxos migratórios inter-regionais

Para a cidade de Picos, no início dos anos de 1970, podemos observar que várias pessoas migraram. A título de exemplo é o da senhora Margarida Maria de Lima que teve que abandonar sua cidade natal pelas oportunidades de emprego em outra cidade, acentuando a concentração de pessoas em áreas despovoadas, onde hoje são conhecidos como os bairros

⁸ LIMA, Margarida Maria de. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

DNER, Junco, Pedrinhas, e os mais recentes, criados nas décadas de 1980 e 1990, os conjuntos habitacionais Petrônio Portela (COHAB) e Valdemar de Moura Santos (Pantanal) nessa ordem, localizados na zona leste do município de Picos, esses novos bairros concentram populações de outros estados que escolheram essas áreas para fixar moradia.

Muitos desses imigrantes antes de conseguirem trabalho no 3º BEC, possuíam atividades no mercado informal, alguns eram estivadores, outros carpinteiros, ajudantes de pedreiro e em sua grande maioria agricultores, haviam também aqueles que possuíam atividades artísticas, como é o caso do pai da Dona Margarida que, segundo ela, era músico antes mesmo de fazer parte do efetivo de civis do 3º BEC, executando essa mesma função no exército, fazendo parte da banda de música.

Como veremos a seguir, os fluxos migratórios que convergem para a cidade de Picos são constituídos exclusivamente por pessoas que vieram dos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte (Tabela 1), refletindo as dificuldades que a população desses estados sofria ocasionado pela falta de chuva e associada a medidas tomadas pelo governo militar para amenizar esse problema, como é o caso das frentes de serviço da emergência, às quais o governo lançou a construção de rodovias ligando as capitais e principais cidades do Nordeste ao sertão seco, utilizando para esse fim mão-de-obra das populações do semiárido nordestino, nos períodos de crise, diminuindo a dependência desses aos programas sociais.

Alguns autores como Andrade (1986) afirmam que, “a vantagem dessa política é que dava trabalho aos sertanejos na própria área seca, evitando que eles se deslocassem para o litoral e congestionassem as grandes cidades, ameaçando-as de saques, de doenças e de dificuldades de abastecimento.”⁹

⁹ ANDRADE, Manuel Correia de. **A intervenção do Estado e a seca no Nordeste do Brasil**. Revista de Economia Política, vol. 6, nº 4, 1986. p. 127.

TABELA 1 - Estados de origem e respectivo número de migrantes transferidos para Picos entre 1970 e 1980

ESTADOS	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Acre	10	7	3
Amazonas	13	3	10
Roraima	6	3	3
Para	0	0	0
Amapa	0	0	0
Maranhão	341	154	187
Ceará	1766	902	864
Rio Grande do Norte	980	514	466
Paraíba	225	461	236
Pernambuco	977	481	496
Alagoas	62	21	41
Fernando de Noronha	0	0	0
Sergipe	6	0	6
Bahia	149	66	83
Minas Gerais	13	7	6
Espirito Santo	0	0	0
Rio de Janeiro	55	19	36
São Paulo	208	104	104
Paraná	18	9	9
Santa Catarina	9	5	4
Rio Grande do Sul	35	15	20
Mato Grosso do Sul	0	0	0
Mato Grosso	0	0	0
Goias	36	18	18
Distrito Federal	12	7	5
Brasil sem especificar	10	0	10
Total	4931		

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 1980

Org: Montelo, Jossé

Para se chegar aos resultados apresentados na tabela acima, foram utilizados dados do Censo Demográfico de 1980 do IBGE, que revelaram o volume dos deslocamentos de pessoas que migraram para Picos entre os anos de 1970 e 1980.

Observamos então, que de um total de 4 931 novos residentes que se fixaram em Picos entre os anos de 1970 e 1980, o maior destaque é atribuído à mobilidade de pessoas que

tiveram como último local de moradia o estado do Ceará que aquela época passava por um prolongado período de estiagem. Sobre esse período Soares (1984) afirma que:

A persistência da seca no ano de 1970 teve consequências drásticas ao incapacitar a região cearense de se emancipar de certos flagelos sociais provenientes da crise climática. A desnutrição, por exemplo, foi algo tão grave, que um estudo da UNICEF detectou que 69% das eram são afetadas pelo nanismo. Destas crianças que sobreviviam no sertão, de cada 1.000 nascidas vivas, 340 não chegavam a completar um ano de vida (SOARES, 1984).¹⁰

Do estado do Ceará vieram 1766 novos residentes para cidade de Picos, seguidos pelo Rio Grande do Norte com 980, Pernambuco com 977, Maranhão 341 e Paraíba 225. Isto mostra que a maior mobilidade populacional em Picos é composta principalmente por pessoas da própria região nordeste.

Fazendo-se um comparativo com Censo Demográfico de 1970, que faz um levantamento de pessoas de outros estados que migraram para o município nos anos de 1960 a 1970, é possível perceber um significativo aumento no número de migrantes que chegaram ao município na década de 1970. Segundo o IBGE o número de migrantes na década de 1960 era de 1882, esse número mais que dobra na década de 1970, elevando a população de migrantes para 4 931 novos residentes no município como é possível observar na tabela 2.

TABELA 2 - Estados de origem e respectivo número de migrantes transferidos para Picos entre 1960 e 1970

ESTADOS	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Acre	1	1	0
Amazonas	3	2	1
Roraima	0	0	0
Para	14	6	8
Amapá	3	1	2
Maranhão	153	63	90

¹⁰ SOARES, Paulo Gil (org.). Nordestinos. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1984 In: ESTADO DE EMERGENCIA, MISÉRIA E SECA NO CEARÁ (1970-1987). Disponível em: <<http://sinnedos-sociologia.blogspot.com.br/2010/10/estado-de-emergencia-miseria-e-seca-no.html>>. acesso em: 10/03/2014.

Ceará	756	396	360
Rio Grande do Norte	99	47	52
Paraíba	216	121	95
Pernambuco	496	246	248
Alagoas	23	12	11
Fernando de Noronha	0	0	0
Sergipe	12	8	4
Bahia	30	15	15
Minas Gerais	1	1	0
Espirito Santo	2	2	0
Rio de Janeiro	3	0	3
Guanabara	3	2	1
São Paulo	46	25	21
Parana	6	5	1
Santa Catarina	0	0	0
Rio Grande do Sul	1	0	1
Mato Grosso	0	0	0
Goias	11	5	6
Distrito Federal	3	1	2
Brasil sem especificar	0	0	0
Total	1882		

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 1970

Org: Montelo, Jossé

Na tabela 2 estão em destaque os Estados onde há o maior número de pessoas que migraram para cidade de Picos e ainda, mesmo sendo em proporções menores se comparados à década de 1970, esses migrantes tem como locais de origem os Estados de Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Segundo o IBGE (1980) foi efetuada a pesquisa direta dos movimentos migratórios, através de indagações para “os que não haviam nascido no município de residência na data do Censo”, sobre o tempo de residência ininterrupta na Unidade da Federação e no município, o lugar de procedência (Unidade da Federação) e a situação urbana ao rural do local de onde havia migrado.

Não foram considerados migrantes pessoas nas seguintes situações:

- a) As que residem na mesma área do nascimento, embora a referida área, por força de desmembramento, tivesse vindo a constituir um novo município;

- b) Tenha nascido em maternidade, casa de parente, etc., localizada fora do município de residência materna, mas que voltaram logo após o nascimento.

Sobre as novas tendências da migração interna, Matos; Braga (2005, p. 126) comentam que os novos movimentos populacionais englobam:

[...] as migrações em direção às regiões litorâneas dos estados, composta principalmente por indivíduos da terceira idade; as migrações para as cidades médias, devido principalmente à intensificação dos investimentos por parte das empresas que fogem das deseconomias de aglomeração características dos grandes centros urbanos, mas também em função do aumento da violência urbana nas grandes cidades; e as migrações de trabalhadores com alta qualificação que se deslocam em direção aos grandes centros urbanos em busca de empregos com elevada remuneração e de um ambiente cosmopolita integrado ao consumo mundial (MATOS; BRAGA 2005, p. 126).

CAPITULO II

PICOS: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Este capítulo tem como objetivo principal tratar de alguns aspectos referentes à cidade de Picos, enfatizando as experiências vivenciadas pelos migrantes que chegaram ao município por ocasião da transferência do 3º BEC no ano de 1970, principalmente nos primeiros anos de convivência nos espaços de sociabilidade com os picoenses. A questão que buscamos focar diz respeito às relações de sociabilidade entre essas pessoas que vieram de longe. Muitos deixaram para trás seus familiares e aqui começaram novas vidas. Alguns vieram com contratos fixos, outros ainda buscaram empregos na cidade que ainda estava se organizando geograficamente e urbanamente.

Para tanto, esse capítulo é uma forma de expor, a partir da verbalização das narrativas dos depoentes, as suas perspectivas, as estratégias de sobrevivências e a acomodação/recepção por parte dos picoenses.

2.1. Gente de longe: histórias e memórias

Quando chegaram em Picos os migrantes encontraram uma sociedade aberta para recepcioná-los. Como citado no capítulo anterior, na sua maioria de cearenses, estes vieram para fixar moradia e através do trabalho árduo, de fato, fora o que aconteceu. Mas como essas relações sociais foram sendo ampliadas? Segundo Simmel (1983), é de suma importância para a compreensão das formas sociais, assim como para entender da própria estrutura da sociedade.

Entendendo a noção de sociedade como formada por meio das interações e das relações existentes entre os indivíduos, onde estas vão surgir a partir de propósitos em comum, o autor ressalta que, a sociedade é: Aqui, “sociedade” propriamente dita é o estar com um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesma e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. (SIMMEL 1983, p. 168)

Também sobre a memória Pollak (1989) afirma que:

Assim como uma "memória enquadrada", uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, esse resumo condensado de uma história social individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada. Mas assim como no caso de uma memória coletiva, essas variações de uma história de vida são limitadas (POLLAK 1989, P.3-15).

Sendo assim, com base no conceito apresentado e por entendermos que a sociabilidade se dá por meio de uma interação entre os indivíduos que possuem um objetivo comum, concordarmos que, por meio dela, os seres podem se sentir iguais, esse fato é observado no decorrer do capítulo, onde alguns relatos dos migrantes mostram que não houve sentimento de repúdio por parte dos já residentes no município, e nem mesmo a necessidade dessas famílias buscarem seu espaço dentro da sociedade picoense, uma vez a população aqui residente acolheu essas famílias vindas de outros Estados.

Também será abordada a história de composição da população do município na primeira metade do século XX.

A cidade de Picos está situada entre montes picosos, o que a levou a ter esse nome. Seu processo de formação foi semelhante a quase todas as cidades do Estado do Piauí, impulsionado pela expansão colonial. Assim, o início oficial do povoamento do município em estudo ocorreu com a chegada de compradores de cavalos vindos de Pernambuco e da Bahia. Sousa (2006) afirma que o ponto de chegada inicialmente foi na localidade onde se encontra hoje o município de Bocaina (cidade da micro região) que em 1754, Antônio Borges Marinho edificou uma capela. Após esse período ele afirma que:

Em 1851, erigiu-se a freguesia no povoado sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Em 20 de dezembro de 1855 foi elevada a categoria de vila pela resolução provincial nº 397, sendo desmembrada de Oeiras, ficando na ordem judiciária de Jaicós. Em 1859, a cidade de Picos foi edificada no local onde ficava localizada à fazenda de gado da família de Felix Borges Leal, português vindo da Bahia que instalou a fazenda Curralinho, às margens do Rio Guaribas. Em 12 de Dezembro de 1890, Picos foi elevada à categoria de cidade. (SOUSA 2006, p. 26)

Picos, ainda nos primeiros anos de povoamento era uma localidade que sempre atraiu pessoas vindas de outras cidades e regiões, outros relatos de historiadores ratificam essa informação afirmando que Picos por seu dinamismo e facilidade com que se podiam cultivar

vários tipos de grãos, e por ser detentora de terras férteis, compondo as várzeas nas margens do Rio Guaribas, sempre atraiu aventureiros e viajantes (DUARTE, 2002).

O fato supracitado é considerado pelos historiadores como marco inicial da povoação organizada do seu primeiro aglomerado humano, que em seguida recebe a denominação de vila e logo em seguida, em dezembro de 1890, a vila foi elevada à categoria de cidade, pela Resolução número 33, baixada pelo Governo do Estado, naquela época chefiado pelo Barão de Uruçuí (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS 1959, p. 570).

Segundo dados do IBGE na primeira metade do século XX a população do município era de 54. 713, desse total apenas 4. 568 viviam na cidade, e 50. 145 viviam na zona rural, conforme dados do censo de 1950.

Duarte (1995) revela em seu livro de memórias que na década de 1950 que Picos era um pequeno núcleo urbano integrado ao meio rural, apresentava uma grande população por conta da região interiorana que era enorme. Neste tempo faziam parte de Picos os municípios de Itainópolis, Monsenhor Hipólito, Francisco Santos, Santo Antônio de Lisboa, Bocaina, São José do Piauí. Nas décadas subsequentes houve uma decaída no número de pessoas que moravam no meio rural por conta do desmembramento de algumas localidades e também pelo êxodo para Picos e outras Cidades, mesmo assim a vida de Picos se apresentava como um aglomerado urbano, quase rural. Na figura 3 é possível se ter uma noção dos fatos citados por Duarte.

Figura 03: A cidade de Picos nos anos de



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Picosantigaanos30.jpg>

Os fatos mencionados acima se tornam evidentes quando analisamos a figura 3 que mostra a cidade de Picos em meados da década de 1930. À esquerda da imagem está a Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus, ao redor existem algumas casas, local hoje conhecido como Rua Velha, partindo desse ponto e seguindo em direção à direita da imagem está a Avenida Getúlio Vargas que por sinal era a rua mais povoada da cidade nesse período, em que o município concentrava 92% de sua população na zona rural. Ainda, segundo a imagem, é possível perceber na parte de cima da foto, e seguindo o leito do Rio Guaribas em direção à zona leste onde hoje se localizam os bairros DNER, Ipueiras, Junco e Pedrinhas, áreas que eram totalmente despovoadas, reforçando assim a tese de surgimento de aglomerados urbanos nessa região nas décadas seguintes e principalmente na década de 1970.

Reforço aqui à importância das narrativas e do sujeito como construtor de uma história, pois os fatos que acabo de mencionar a respeito da história de Picos só foram possíveis com a colaboração de pessoas que vivenciaram ou ouviram de seus pais ou avós relatos de uma Picos que é lembrada com saudade por esses depoentes, são perspectivas que não são possíveis de se resgatar apenas pela análise de fontes documentais. Pesavento (2007) afirma que:

Assim, cada cidade é um palimpsesto de histórias contadas sobre si mesma, que revelam algo sobre o tempo de sua construção e quais as razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa. Nesse curioso processo de superposição de tramas e enredos, as narrativas são dinâmicas e desfazem a suposta imobilidade dos fatos. Personagens e acontecimentos são sucessivamente reavaliados para ceder espaços a novas interpretações e configurações, dando voz e visibilidade a atores e lugares. (PESAVENTO 2007, p. 17).

Nesse sentido a história das cidades surge paralela à história dos indivíduos num processo imaginário de construção de espaço-tempo, invenção de um passado e de um futuro, a cidade está sempre a explicar o seu presente (PESAVENTO 2007).

A cidade de Picos (PI), segundo Alves (2012), na segunda metade do século XX, não passava de uma cidade interiorana do Piauí, onde o urbano e o rural dividiam o mesmo espaço. O lento desenvolvimento da economia, não era uma situação *sui generis*, se comparada a outras cidades do Piauí no mesmo período. Antes, refletia uma condição estrutural em que o Nordeste também se encontrava de forma geral, pois, embora alguns municípios nordestinos tivessem uma atividade de exportação em pleno funcionamento, estes ainda dependiam dos produtos de importação de outros Estados.

Fazendo fronteira com o Estado do Ceará e Pernambuco, através do município de Pio IX, Marcolândia, Simões e Paulistana. Picos tornou-se corredor entre as regiões Norte e Sudeste do Brasil, de forma que, às margens das rodovias empoeiradas e mal cuidadas, o sertanejo assiste à passagem dos inúmeros caminhões que levam em sua carroceria, o alimento, a madeira, as frutas, o petróleo, a riqueza que abastece os recantos industrializados do país. (Pesquisa sobre a História da FAMCC na região Centro Sul do Piauí. 1999, p. 4).

Ainda, segundo Duarte (1995), o fato de Picos ser cortada por estradas, mesmo que precária, lhe concedeu lugar de destaque no comércio da região.

Pela sua localização, que fazia dela um centro de convergência de estradas de rodagem – por rudimentares que fossem naquela época – e de caminhos, e por estar situadas em uma das áreas de maior potencialidade agropecuária do Piauí, a cidade sempre demonstrou uma nítida vocação comercial. (DUARTE 1995, p. 43-44)

Conforme relata Sousa (2012), os indivíduos de cidades circunvizinhas chegavam em caravanas de comerciantes vindos de diversos interiores na sexta-feira e arranchavam-se em casas de amigos para, no dia seguinte bem cedo, participar do principal dia da feira livre de

Picos, muitas pessoas se dirigiam para o centro comercial na madrugada do sábado. A maior força de produtos comercializados estava no ambiente urbano e os indivíduos dos interiores aproveitavam para comprar algum gênero ou mesmo objetos que precisassem, e levavam para o interior a fim de comercializarem com outros indivíduos que tinham maiores dificuldades em se deslocarem até à cidade.

Figura 4: Feira livre do município de Picos na década de 1950



Fonte: <https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos>

Ainda Sobre feira de Picos na primeira metade do século XX o IBGE (1959) afirma que:

Aos sábados, invariavelmente, realiza-se em Picos a mais importante feira do Estado, a que comparece cerca de 1500 a 2000 pessoas, já para a venda de seus produtos, já para aquisição das utilidades de que necessitam. Expõem-se a venda produtos de inumeráveis espécies, principalmente agrícolas, louças de barro, esteiras, redes, rapaduras, fibra de caroá, etc. a ela ocorre considerável numero de interessados da circunvizinhança, de Teresina, dos Estados do Ceará, Pernambuco e Paraíba (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICIPIOS BRASILEIROS 1959, p. 574).

A feira de Picos, famosa por atrair diversas pessoas da região e de outros estados também aguçava a curiosidade de quem só ouvia falar daqueles aglomerados de pessoas comercializando os mais diversos produtos em sua maioria cultivados na própria região. A

Sra. Raimunda Nonata da Silva em sua narrativa externa esse sentimento e fala sobre a grandiosidade com que era retratada a feira de Picos:

O comércio aqui em Picos era muito forte, a feira de Picos era falada no mundo inteiro, era muito falada, antes de eu vir morar aqui em Picos eu já sabia que a feira era muito conhecida meu marido veio cavar poço aqui nessa cidade e ficou muito admirado, Ave Maria ele teve a maior admiração do mundo pela feira de Picos, ele dizia: “Raimunda um dia eu te levo lá” [...] Quando eu vim morar aqui, eu percebi que o pessoal do interior vivia muito de roça, era a fonte de renda e também tinha algumas plantações de arroz na Ipueiras, algumas fazendas de gado e o povo levava alguns produtos como arroz, leite para vender, mais o povo vivia mesmo de roça, de plantar.(Moura Júnior 2013, p. 30)

Segundo a narrativa a feira de Picos era muito conhecida e em vários lugares se ouvia falar era marcada pelo encontro de pessoas das várias regiões circunvizinhas da cidade, que traziam seus produtos muitas vezes em celas de animais para serem comercializados, formando uma relação entre trabalho e sociabilidade através do encontro dessa multiplicidade de pessoas de lugares interioranos, que dinamizavam o comércio na cidade e o tornavam famoso em todo o Estado do Piauí.

2.2. A historia de picos narrada por migrantes da década de 1970: análise das entrevistas dos que vieram para picos com o 3º BEC

O período escolhido como recorte temporal para realização desse trabalho tem suas particularidades, a década de 1970 foi marcada por grande desenvolvimento em todo estado do Piauí, a inserção da modernidade experimentada na década de 70 ecoa na memória da população picoense até nos dias atuais que atribuem esse desenvolvimento à chegada do 3ºBEC e seus imigrantes para a cidade de Picos como é possível observar na fala do Sr. Valtécio Duarte:

A cidade de Picos cresceu visivelmente nas últimas décadas, sobretudo após a chegada do 3º BEConst ao Município. Este crescimento da população e a melhoria de indicadores econômicos alavancou o surgimento de novas indústrias e fomentou o desenvolvimento de pequenas e médias empresas. Não resta a menor dúvida que o grande responsável por esse ciclo virtuoso de desenvolvimento, ousou dizer que 90%, dele se deve ao 3º BEConst. Notadamente ao chamado pessoal civil vindo em sua maioria dos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, que fincaram raízes em Picos, ao contrário da maioria dos militares que por motivos profissionais não podem ficar, embora seja inegável a contribuição que Oficiais e Sargentos dos quatro cantos do país, além de jovens Cabos e

Soldados de todas as partes do Piauí, sobretudo Floriano, Valença e Oeiras, deram ao desenvolvimento de Picos. (ACERVO DA MEMÓRIA PICOENSE 2014)¹¹.

O Sr. Valtécio atribui a elevação dos atuais índices de desenvolvimento da cidade de Picos a um período impar na história da cidade, em seu comentário, o 3º BEC e sua força de trabalho composta por imigrantes. Mas como foram os primeiros anos e a adaptação desses imigrantes na cidade de Picos? Para responder a essa pergunta foram colhidos cinco depoimentos de moradores do bairro Junco e COHAB escolhidos aleatoriamente, tendo em vista já ter conhecimento que boa parte desses residentes do bairros seriam trabalhadores e filhos de trabalhadores que chegaram a Picos junto com 3º BEC.

Como havia mencionado antes a história oral tem sua importância para a construção dessas memórias e segundo Portelli (1996), as lembranças não constituem um núcleo compacto e impenetrável para o pensamento e para a linguagem, pelo contrário, são o resultado de um processo elaborado no tempo histórico. Por isso, podemos dizer que lembranças proporcionam a reinvenção de um passado em comum, fornecendo elementos para a compreensão do presente.

Por tanto, com o relato dos cinco entrevistados, tento reconstruir esse período da história da cidade de Picos sob a ótica dos que aqui chegaram à década de 1970. Para isso, foi indagado a os entrevistados: Como era a cidade assim que vocês chegaram aqui? Esses responderam que:

Eu esperava que fosse melhor por que eu só via o povo dizendo que Picos era muito bom , dizendo que era linda a cidade mas quando nois chegamo aqui foi outra coisa. As ruas era tudo na piçarra vermelha. Ó, quem andava aqui eu já sabia por que quando chegava na cidade que nós morava os pés ficava tudo vermelho só de Pisar nas ruas daqui porque aqui era só aquelas piçarrona vermelha. La no centro era só calçamento as ruas era tudo iluminada. Uma coisa que fiquei admirado é que quando eu cheguei aqui em 75 as casa tinha agua e agua boa, lá onde a gente morava agua era difícil e aqui já tinha. ¹²

¹¹ACERVO DA MEMORIA PICOENSE:
<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense?fref=ts> (último acesso 08/03/2014)

¹² FERREIRA DE LIMA, Francisco Antônio. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

Quando a gente chegou aqui no Junco só tinha umas casas... a casa que nós ficamos tinha energia mas não tinha água, só algumas casas tinham água encanada. A gente pegava água num chafariz que ficava ali onde era o Supermercado do Seu Julio, era ali que ficava o chafariz.¹³

A cidade era atrasada, nós já sabíamos que a cidade era atrasada. Ela foi crescendo quando o quartel veio pra cá (...) a cidade totalmente não tinha asfalto, ninguém sabia o que era asfalto, as estradas eram tudo carroçal, quando eles (3º BEC) começaram a trabalhar nessa avenida que passa ali (BR 316) eles botaram um óleo depois que foi feita a compactação aí o povo ficava dizendo que Picos já tinha asfalto. (...) no Junco não tinha nada, nem luz tinha. O mercado não tinha, era uma palhoça, o mercado era na cidade, a água que era encanada aqui só era para cidade e aqui no Junco não tinha água encanada a gente pegava água na SIBRAZEM¹⁴ e também num chafariz que ficava num terreno ali do lado do colégio Miguel Lidiário e outro que fica perto da casa do cumpade Chico, perto ali da praça. Não tinha energia elétrica, tinha numas ruas e outras não, tinha no centro, nas avenidas e no Junco não.¹⁵

Tinha poucas casas, aqui em frente de casa onde foi construído o colégio (Unidade Escolar Miguel Lidiário) tinha um córrego que quando chovia muito alagava as casas tudo. Aqui em Picos nós convivíamos sempre com essas coisas, na época da seca era uma poeira fina, aquela poeira vermelha. E no período de chuva era muita lama. A feira sempre acontecia no centro, a gente sai daqui do Junco e ia fazer a feira a pé ou de bicicleta. Mas já no ano de 61 o pessoal começou a vender umas coisas aqui no Junco em uma palhoça, começaram a vender carne.¹⁶

¹³ LIMA, Margarida Maria de. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

¹⁴ A partir da Lei Delegada nº 06 de 26 de setembro de 1962 foi criada a COBAL (Companhia Brasileira de Alimentos), e da Lei Delegada nº 07 da mesma data foi criada a CIBRAZEM (Companhia Brasileira de Armazenamento).

¹⁵ PIRES, Sebastião Mario. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 14 jan.2014.

¹⁶ BRITO, Manoel Soares. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

As falas apontam uma cidade em processo de crescimento urbano, e a partir disso a efetivação de medidas para suprir as necessidades dos novos povoamentos urbanos, como é o caso dos chafarizes existentes, que abasteciam os novos aglomerados que se formavam na zona leste. Nas narrativas também são citados alguns aspectos urbanos, como é o caso das ruas da cidade, onde só no Centro havia pavimentação, já os novos bairros eram compostos por ruas de piçarra vermelha, Ferreira de Lima (2014). Aspectos como a concentração do comércio no centro da cidade, a falta de energia em algumas casas e a não existência de água encanada podem ser considerados como aspectos de dificuldade por esses imigrantes, porém, alguns deles vieram de regiões que também não apresentavam esses serviços básicos, e dada as dificuldades da época, esse fator era tratado com naturalidade.

Quando perguntado quais as dificuldades encontradas nos primeiros anos na cidade de Picos eles responderam:

Aaaa... meu filho! A gente num teve dificuldade não, a gente teve uns vizinhos muito bons como eu lhe falei. A gente foi vizinho daquele povo da Dona Maria Melquides, era um povo muito bom. Graças a Deus a gente chegou aqui se demo muito bem, logo agente tinha uns vizinhos muito bom, que gostava da gente. Que ajudava agente, as vezes o dinheiro do pai atrasava ai os vizim sempre ajudava com alguma coisa, era um feijão um açúcar, essas coisas... Graças a Deus nós tivemos uns vizinhos muito bom quando a gente chegou aqui. Eu nunca esqueço o que aquele povo fez pela gente! Era um povo bom demais! Eu não pensava de encontrar aqui um povo tão bom como aquele povo. La em Nova Russa era mais difícil, lá tinha escola mas hospital era difícil, só o povo que tinha condição se cuidava, a gente quando adoecia tomava era remédio do mato, mas já aqui em Picos já foi bem melhor. Agente fazia a feira na cantina do quartel, lá tinha de tudo, agente acordava de cinco da manha e passava o dia inteiro na fila mas era muito bom... agente aproveitava pra rever as amigas que morava em outra parte da cidade.¹⁷

A Sra. Margarida relembra, com gratidão, os vizinhos que a mesma teve ao chegar a Picos, segundo seu depoimento os vizinhos estavam prontos a ajudar quando sua família passava por alguma dificuldade. O local de origem é lembrado à medida que a comparação com Picos se apresenta e, apesar de elatar que morar em Picos é bem melhor, percebe-se

¹⁷ LIMA, Margarida Maria de. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

algumas contradições, quando o assunto é a procura por moradia e a falta de dinheiro para pagar o aluguel, como é mencionado pelo Senhor Sebastião Pires na narrativa a seguir:

A dificuldade é que a gente chegou aqui e tinha que arrumar casa, ai pai veio primeiro procurar e conseguiu uma casa quase de frente ao Posto Nacional e foi buscar o pessoal lá, e a dificuldade maior é que agente não tinha dinheiro não, às vezes atrasava pagamento de aluguel e essas coisas, e a gente era ameaçado de desocupar a casa só que era na época do regime militar o e comandante segurava, ai quando o dono ameaçava, ele se impõe e segurava... a casa, ele não botava pra fora e tinha que falar com o comandante para ele saber por que ele queria a casa e tinha que dar um tempo pra pessoa procurar outra casa.¹⁸

Ao buscarmos a inter-relação entre memória e narrativa, partimos da compreensão de que a narrativa ressignifica a história, por meio da memória, contada de forma oral ou escrita é ai que está sua importância, o fazer história a partir de depoimentos insere o individuo no processo de evolução dentro de determinado contexto. Portanto, a narrativa está presente no simples ato do viver, agir e refletir, no contar histórias, tendo em vista que nós seres humanos somos contadores de história, e de forma individual e social relatamos nossa forma de viver, em nosso cotidiano, como é apresentado nos relatos dos depoentes.

A dificuldade maior era encontrar casa pra moras... quando agente chegou aqui nós foi morar no centro, mas eu num gostava de lá não ai eu fiquei sabendo que tinha um povo construindo umas casa na Rua da Independência ai perto da garagem da Gontijo, mas era tanta gente chegando de fora que eu, pra não perder a preferencia, aluguei a casa sem nem tá terminada. Agente passou ainda umas duas semanas morando na casa sem porta, era um calor e uma muriçoca danada! Mas se num fosse assim tinha que ficar lá no centro... era os home rebocando a sala e eu carregando as coisa pra cozinha.¹⁹

¹⁸ PIRES, Sebastião Mario. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 14 jan.2014.

¹⁹ SOUSA MATIAS, Maria do Rosário de. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 27 jan.2014.

De acordo os depoimentos, as maiores dificuldades encontradas nos primeiros nos de mudança estão relacionados à problemática de encontrar moradia devido ao grande número de pessoas que chegavam ao município na época, como é relatado pela Dona Maria do Rosário (2014), que diz ter alugado uma casa que ainda estava em construção, outro problema observado está relacionado aos donos de imóveis alugados e o despejo de moradores, tal fato era amenizado pelo comandante do Batalhão ao impedir que estas famílias fossem colocadas para fora das casas sem antes encontrar outra, como é citado pelo Sr. Sebastião Pires (2014). Outro ponto importante citado por Dona Margarida (2014) foi à forma que a família da mesma foi acolhida por seus novos vizinhos nos primeiros anos aqui na cidade de Picos. Logo abaixo veremos algumas fotografias de famílias vieram que para o município na década de 1970.

Figura 05: Família migrante da década de 1970



Fonte: Acervo pessoal de Francisco Antônio Ferreira de Lima

A foto acima mostra duas meninas, irmã do Sr. Antônio Francis acompanhadas de seu pai Raimundo Nonato Ferreira de Lima (*in memorian*) em frente a sua casa no bairro Junco, na Rua da Independência, por sinal esse é uma rua muito citada nos relatos dos entrevistados, dando a impressão todos terem morado primeiro lá, antes de morar em outras casas do bairro, esse também é outro aspecto observado nos relatos, eles se mudavam com frequência, morando em até duas casas diferentes no mesmo ano.

Na fotografia seguinte é possível observar que associados a oportunidade de emprego conseguidas pelos seus pais, muitos filhos de imigrantes aproveitavam o estabelecimento do 3º BEC na cidade de Picos para prestarem o serviço militar (Figura 06).

Figura 06: Militar do 3º BEC ano 1972



. **Fonte:** Acervo pessoal de Sebastião Mario Pires

O Sr. Sebastião Pires fala do tempo de serviço militar com sentimento de orgulho, em sua visão “o jovem tem que passar pelo serviço militar para ter maturidade de enfrentar as dificuldades da vida” (PIRES 2014). O serviço militar foi para ele um período de transição formador de seu caráter. Muitos filhos de migrantes também tiveram seu primeiro emprego após mudarem para Picos, assim como, tiveram a possibilidade de adquirir bens materiais e constituir família:

Aqui em Picos mudei de mais... foi aqui que eu conheci minha esposa, que eu encontrei meu primeiro emprego, que foi na industrias coelho, depois sai de lá e trabalhei na Ford e fui ai levando minha vida, consegui comprar casa, carro, tudo que consegui até hoje eu consegui em Picos.²⁰

Foi também perguntado a esses migrantes quais as mudanças ocorridas na cidade Picos desde a época que chegaram. Os mesmos responderam que:

Mudou de mais! Aqui no Junco... era uma mata... só tinha uns casinha veia... a unica casa boa aqui era a do Capitão Machado, era quatro casinha alí essas era as melhosinha que tinha aqui o resto era tudo casinha veia.²¹

Bem ... aqui melhorou, melhorou mas nos últimos tempos, no começo era muito difícil e muitas mudanças só começou quando o quartel veio pra cá, foi feito o asfalto, botaram agua encanada nas casa tudo, construíram o mercado, foi feito um monte de coisa do tempo que a gente chegou pra cá²²

Mudou tudo, aqui não tinha comercio e hoje a gente já vê muitos comércios, a cidade ficou mais organizada tudo asfaltada, colégio, universidade particular, pelo estado e federal.²³

²⁰ FERREIRA DE LIMA, Francisco Antônio. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

²¹ LIMA, Margarida Maria de. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

²² PIRES, Sebastião Mario. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 14 jan.2014.

²³ FERREIRA DE LIMA, Francisco Antônio. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

Os depoimentos supracitados apresentam as observações dos depoentes sobre as mudanças ocorridas na cidade de Picos, onde o aspecto mais evidente é a aquele que pode ser visualizado de uma perspectiva que compara, os momentos do contexto histórico abordado com o presente, sobre esse aspecto Pesavento afirma:

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia (PESAVENTO 2007, p. 14).

Portanto na memória dos que viveram suas vidas nesse cenário de transformações ocorridas na cidade de Picos ao qual participaram ativamente, ficam aqui registradas as lembranças desses sujeitos que, juntamente com o 3º BEC, contribuíram para moldar a cidade de Picos no que ela se configura nos dias de hoje. A memória daqueles que viveram o período é importante para o tema abordado na pesquisa, pois essa visão pode ser vista tanto de modo particular, como pessoa que viu o período, como pode ser vista de modo coletivo. Nesse ponto, o autor Peter Burke ao trabalhar com a memória cita Halbwachs reforçando que:

Halbwachs afirmou que as memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é “memorável”, e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para seu grupo (BURKE 2007, p. 70).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado no estudo acima, as mobilidades populacionais acabam se constituindo nas causas ou nas consequências de intensas mudanças nas sociedades nas quais se realizam. Na cidade de Picos da década de 1970, os processos migratórios estão fortemente relacionados com a transferência do 3º Batalhão de Engenharia e Construção. As obras de construção de estradas e os projetos de combate a seca àquela época resultaram em um processo de transferência de população de outros Estados para a cidade, como observado nas tabelas do Censo Demográfico de 1980.

Falar sobre as migrações relacionadas a um determinado momento da história e os conceitos referentes a causas e consequências desse fenômeno que faz parte da história de formação de nossa sociedade, é abrir caminho para longas pesquisas e discussões, pois temas como este, apresentam variados pontos de vista.

Os conceitos, causas, consequências, migrações, relações, métodos e relatos apresentados neste trabalho, serviram para chegarmos ao ponto principal da pesquisa, responder como ocorreram as migrações para a cidade de Picos na década de 1970.

Para este fim, foram utilizadas algumas ferramentas, destacando como principais, os dados e informações obtidos pesquisas na agência de Picos do IBGE e no 3º BEC. Outra importante fonte de dados foram as entrevistas que, através memória e dos relatos daqueles que participaram ativamente do tema abordado, foi possível tornar a História Oral um dos alicerces deste trabalho.

Por tanto, esperamos que este trabalho não seja um final para a pesquisa sobre as migrações para a cidade de Picos, mas apenas o início de uma caminhada para conhecermos nossa história e de nosso município, e que muitas outras pesquisas possam surgir dentro deste campo de atuação. Para que as raízes deixadas por esses imigrantes assim como sua contribuição para o desenvolvimento da cidade não sejam esquecidas com o tempo.

REFERÊNCIAS

ACERVO DA MEMORIA PICOENSE. Disponível em :

<<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense?fref=ts>> Acesso em : 08 mar.2014.

ALBERTI, Verena. “Oral history interviews as historical sources in the classroom.” **Words & Silences. International Oral History Association.** vol. 6, n.1, p. 29-36, 2011. Disponível em: < <http://wordsandsilences.org/index.php/ws/issue/view/4/showToc>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

ANDRADE, Manuel Correia de. A intervenção do Estado e a seca no Nordeste do Brasil. **Revista de Economia Política**, vol. 6, n° 4, p. 125 – 130, 1986.

BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologias, contextos. IN: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século.** 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 319- 367.

BORJAS, G. J. Labor Mobility. IN: BORJAS, G. J. **Labor Economics.** McGraw-Hill. Belo Horizonte: UFMG/ CEDEPLAR, 1996, p. 279-287.

BURKE, Peter: História como memória social. IN: **Variedades de História Cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 70

DUARTE, Renato. **A reconstrução de uma cidade:** plano de desenvolvimento para Picos. Teresina: Comp. ED. Do Estado do Piauí, 2002.

DUARTE, Renato. **Picos:** os verdes anos 50. 2ª ed. Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

FORTUNATO, Elisabeth, Ruscheinshy, Aloisio. A história Oral na pesquisa social sobre o espaço urbano. **Revista Biblios.** Rio Grande, n. 16, p. 25-36, 2004.

FURTADO, C. Formação Econômica do Brasil. 18ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

GHIZZO, Márcio Roberto; ROCHA, Márcio Mendes. Contextualização dos estudos de mobilidade da população nas ciências humanas. **Espaço Plural**. vol.1, n. 18, p. 101-110, 2008.

GOLGHER, A. B.; ROSA, C.H.; ARAÚJO JÚNIOR, A.F. **The determinants of migration in Brazil**. Belo Horizonte: UFMG/ CEDEPLAR, 2005. Disponível em: <
<http://www.ppge.ufrgs.br/GIACOMO/arquivos/eco02268/golgher-rosa-araujojuni-2005.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: Picos-PI. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. IN: FENELON, Déa Ribeiro e outros (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D' Água, 2004.

LE GOLF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 419 – 471.

LEE, E. S. Uma Teoria sobre a Migração. In: MOURA, H.A (org.) **Migração Interna**: textos selecionados. Fortaleza: BNB, 1980.

MATOS, R.; BRAGA, F. Redes geográficas, redes sociais e movimentos da população no espaço. IN:MATOS, R. E. da S. (Org.) **Espacialidades em rede**: população, urbanização e migração no Brasil contemporâneo. Belo Horizonte: C/Arte, 2005, p. 111-154.

MOURA JÚNIOR, José Waldir de Sousa. **História e teatro**: manifestações e representações teatrais na cidade de Picos, sob a ótica de Olívia Rufino (1940-1950). Monografia , Universidade Federal do Picos Piauí, 2013, p.65.

NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. 1991, Campinas. **Anais...** Campinas: ABEP, 1992. p.119-144.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais. Conceitos básicos, definições e mensuração da migração interna. Excertos do Manual VI da ONU. Trad. José Alexandre Robatto Orrico. IN: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Migrações internas**. Fortaleza: BNB, v.1, p. 313-353, 1980.

PEREIRA, V. M. **O Recente processo migratório brasileiro e seus determinantes**. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) apresentada à Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias**. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol.27, n. 53, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 mar.2014.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Solencio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em 10 mar. 2014.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida. Funções do tempo na história oral”. IN: FENELON, Déa Ribeiro e outros (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D’ Água, 2004.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Migrações internas**. Fortaleza: BNB, v.1, p. 25-88, 1980.

SABBADINI, R.; AZZONI, C.R. **Migração interestadual de pessoal altamente educado: Evidências sobre a fuga de cérebros**. Anais do XXXIV Encontro Nacional de Economia,

2006. Disponível em: < <http://www.anpec.org.br/encontro2006/artigos/A06A026.pdf> > Acesso em 02 fev.2014.

SALIM, C. A. **Estrutura agrária e dinâmica migratória na região Centro-Oeste 1970-1980**: análise do êxodo rural e da mobilidade da força de trabalho no contexto de industrialização da agricultura e da fronteira urbanizada. Tese (Doutorado em Demografia) apresentada ao Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

SALIM, C. A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. IN: VIII ENCONTRO

SIMMEL, G; MORAES FILHO, Evaristo (Org.). Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

SINGER, P. I. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. IN: BANCO DONORDESTE DO BRASIL. **Migrações internas**. Fortaleza: BNB, v.1, p. 222-244, 1980.

SINGER, P. Migrações Internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In MOURA, H.A (org.) **Migração Interna**: textos selecionados. Fortaleza:BNB, 1980.

SOUSA, Jane Bezerra de. **O ensino municipal e o ensino privado em picos (1929-1949)**. IN: II encontro interdisciplinar de pesquisa em Picos. Picos: EDUFPI, 2006.

ENTREVISTAS

BRITO, Manoel Soares. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

FERREIRA DE LIMA, Francisco Antônio. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

LIMA, Margarida Maria de. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 22 jan.2014.

PIRES, Sebastião Mario. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 14 jan.2014.

SOUSA MATIAS, Maria do Rosário de. Entrevista concedida ao pesquisador Klédison de Lima Pires. Picos (PI), em 27 jan.2014.